

Por uma Antropologia de Grafias Plurais:

Octavia Butler e a reescrita do passado e do futuro¹

Ananda Andrade do Nascimento Santos (UNICAMP/SP)

Palavras-chave: Literatura; Ficção Científica; Antropologia Especulativa

“I was attracted to science fiction because it was so wide open. I was able to do anything and there were no walls to hem you in and there was no human condition that you were stopped from examining.”

(Octavia Butler, em entrevista cedida ao The Independent, em janeiro de 2006)

Resumo: O interesse pelas hipóteses de fins do mundo, anunciados nas mais diversas cosmologias, vem sendo uma área explorada pela Antropologia desde os seus primeiros passos. No entanto, a temática dos medos e dos fins (Danowski e Viveiros de Castro, 2017) não é exclusividade das nossas construções antropológicas. Temos distopias narradas, repetidas e revisadas também a partir da ficção científica, através de linguagens como o Cinema e a Literatura. Nesse sentido, é marcante resgatar o livro “Flame Wars”, de Mark Dery, que se questiona a razão de à época (1993) serem tão poucos os escritores de ficção científica negros. A capacidade de especular um futuro teria ficado apenas para as pessoas brancas? O que seria um futuro tecnocrático imaginado de uma perspectiva negra? A partir disso, Dery, um homem branco interessado na “indústria cultural” estadunidense, crava o conceito de “afrofuturismo”, que potentemente vem sendo questionado, ocupado e ressignificado por experiências negras. Se pensarmos as narrativas estadunidenses de invasões alienígenas, poderíamos facilmente, com algum esforço imaginativo, alinhar uma distopia branca e ocidental a vários fragmentos da diáspora africana, seja a partir da dominação violenta, idiomas impostos e outros elementos dos processos de colonização. Se as distopias centrais no imaginário de um país como os Estados Unidos foi a experiência vivida e marcada no corpo e na trajetória dos afro-americanos, o que resta a ser imaginado? Pensando junto da autora afro-americana Octavia Butler (seus livros, contos e artigos

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

autobiográficos), que se confunde com algumas de suas personagens, busco pensar como a ficção científica pode balizar e inspirar as construções de outras narrativas, grafias e Antropologias possíveis, buscando a própria literatura como uma espécie de Antropologia Especulativa junto a Saer (2009) e Nodari (2010). Junto a Fanon, acredito que o branco inventa o negro, mas a negritude é a antítese que responde a essa "maldição". Que futuros construímos daqui?

Uma introdução possível

No ano de 2016, atuei na condição de educadora/mediadora da 32ª Bienal de São Paulo (exposição realizada desde 1951 e considerada uma das principais do circuito artístico internacional) – Incerteza Viva, que teve curadoria de Jochen Volz, Gabi Ngcobo, Júlia Rebouças, Lars Bang Larsen e Sofía Olascoaga e se propôs a observar as noções de incerteza bem como as estratégias cedidas pela arte contemporânea para abarcá-la ou habitá-la.

Nesse contexto, tive contato com a obra “Oficina de Imaginação Política”, proposta pelo artista Amilcar Packer (em colaboração com Diego Ribeiro, Jota Mombaça, Rita Natálio, Thiago de Paula e Valentina Desideri). A Oficina de Imaginação Política, pensada como uma zona temporária e autônoma que visou ocupar espaços dentro e fora da exposição ao se posicionar contra “tentativas de captura e controle macropolítico”, consistia em um espaço físico com almofadas, bancos, mesas de trabalho e paredes e teto povoados por citações, recados, protestos políticos e a programação semanal de fóruns, encontros e reuniões.

Segundo Packer, “entendendo que há na imaginação uma potência de reinvenção de territórios conceituais e reformulação de perguntas, narrativas e práticas dentro do que compreendemos como política, e diante do atual contexto sociopolítico nacional e internacional, a Oficina busca resgatar a potência de transformar imagens em ação como ferramenta de resistência e atuação política, e como forma de requalificar a experiência com a arte.”



Imagem 1: Espaço da Oficina de Imaginação Política, na 32ª Bienal de São Paulo. Acervo pessoal.

Além dos encontros promovidos em seu espaço, a Oficina também contava com uma publicação comissionada pela Bienal de São Paulo, desenvolvida pelos seus colaboradores. Entre as publicações, se deu o meu primeiro encontro com Octavia Butler. O artigo autobiográfico “Obsessão Positiva”, escrito por Butler em 1989 para a Revista Essence e publicado originalmente com o título “*Birth of a writer*”, foi traduzido por Amílcar Packer e publicado junto aos capítulos 5 e 6 de “A Parábola do Semeador” (traduzidos por Jota Mombaça) e um ensaio sensível de Jota Mombaça sobre sua relação com os escritos de Butler, com ênfase em Lauren, personagem central dos capítulos traduzidos.

Conhecendo Butler e sua obsessão positiva

O caminho que construí até Butler - ou foi, em certa medida construído, para mim - se deu de forma contrária ao habitual de um autor de ficção científica: primeiro conheci sua trajetória, depois seus escritos. Em “Obsessão Positiva”, tomei conhecimento de Butler enquanto uma mulher negra nascida em Pasadena (Califórnia) em 1947 que se

apaixonou por ler histórias desde os seis anos de idade e que aprendeu a inventá-las e escrevê-las quando não tinha mais livros para ler. Aos dez anos, juntou cinco dólares para comprar o seu primeiro livro novo e escolhido por ela. “Crianças podem entrar aqui?”, ela perguntou para a mulher na caixa registradora da livraria, ao mesmo tempo em que pensava se crianças negras poderiam frequentar aquele lugar. Sua mãe, nascida em área rural da Louisiana e criada sob rígida segregação racial estadunidense, havia a prevenido sobre a possibilidade de sua existência não ser bem-vinda em todos os lugares.



Imagem 2: Octavia Butler aos 15 ou 16 anos, fotógrafo desconhecido, ca. 1962. The Huntington Library, Art Collections and Botanical Gardens.

A autora narra como, de forma incansável, tomou por obsessão positiva a construção de si enquanto escritora de ficção científica, não importando sua origem pobre (filha de um engraxate que morreu quando ela tinha apenas sete anos e uma diarista que estudou apenas três anos e que resgatava do lixo e presenteava Butler com “livros sem

capa, com inscrições, coloridos, machados, cortados, rasgados e até mesmo parcialmente queimados) ou o fato de todos os escritores de ficção científica dos quais se tinha notícia serem homens brancos.

Ainda em “Obsessão Positiva”, Butler narra como o questionamento “para que serve a ficção científica para pessoas negras?”, geralmente direcionado a ela por pessoas negras, gerava certo incômodo. Nas palavras de Butler:

“Eu dei pedaços e fragmentos de respostas que nunca me satisfizeram e que provavelmente não satisfizeram meus interlocutores. Eu me ressentia da pergunta. Por que deveria justificar minha profissão para qualquer um?

Mas a resposta para isso era óbvia. Havia exatamente um outro escritor negro de ficção científica trabalhando com sucesso quando vendi minha primeira novela: Samuel R. Delany Jr. Agora há quatro de nós. Delany, Steven Barnes, Charles R. Saunders e eu. Tão poucos. Por quê? Falta de interesse? Falta de confiança? Uma jovem negra me disse uma vez: “eu sempre quis escrever ficção científica, mas não pensei que houvesse mulher negra alguma fazendo isso”. Dúvidas se apresentam por todo tipo de maneiras. Mas ainda me perguntam: que bem pode a ficção científica trazer para as pessoas negras?

Que bem pode trazer qualquer forma de literatura às pessoas negras?

Que bem pode trazer o pensamento da ficção científica sobre o presente, o futuro e o passado? O que pode trazer sua tendência a advertir ou considerar modos alternativos de pensar e fazer? O que pode trazer seu exame dos possíveis efeitos da ciência e da tecnologia, ou organização social e direção política? No seu melhor, a ficção científica estimula a imaginação e a criatividade. Tira leitor e escritor do terreno batido, do estreito caminho no qual “todos” estão dizendo, fazendo – quem quer que “todos” seja esse ano. E que bem pode isso tudo trazer para as pessoas negras?”

Foi partindo deste primeiro contato com Octavia Butler que passei a me interessar, em uma perspectiva antropológica, pelas narrativas e hipóteses sobre o fim do mundo como o conhecemos, enquanto temática cara à Antropologia desde os seus primeiros passos, mas não exclusividade das nossas construções, uma vez que a abordagem dos medos e dos fins (Danowski e Viveiros de Castro, 2017) está presente nas mais diversas cosmologias e se apresenta a partir de distopias narradas, repetidas e revisadas também a partir da ficção científica, através de linguagens como o Cinema e a Literatura.

Nesse sentido, é marcante resgatar o livro *“Flame Wars: The Discourse of Cyberculture”*, de Mark Dery, que se questiona a razão de à época (1993) serem tão poucos os escritores de ficção científica negros. A capacidade de especular um futuro teria ficado apenas para as pessoas brancas? O que seria um futuro tecnocrático imaginado de uma perspectiva negra? A partir de entrevistas com três intelectuais negros (entre eles o escritor Samuel R. Delany, citado por Butler como um dos poucos negros que, assim como a autora, estavam produzindo ficção científica), Dery, um homem branco interessado na “indústria cultural” estadunidense, crava o conceito de “afrofuturismo”, que potentemente vem sendo questionado, ocupado e ressignificado por experiências negras.

Se pensarmos as narrativas estadunidenses de invasões alienígenas, poderíamos facilmente, com algum esforço imaginativo, alinhar uma distopia branca e ocidental a vários fragmentos da diáspora africana, seja a partir da dominação violenta, seja a partir de idiomas impostos e outros elementos dos processos de colonização. Se as distopias centrais no imaginário de um país como os Estados Unidos foram, em boa medida, a experiência vivida e marcada no corpo e na trajetória dos afro-americanos, o que resta a ser imaginado?

O tecido de fundo dessa construção se dá no terreno fértil de crise de conceitos e questões outrora muito caras e tidas quase que como dadas pela Antropologia, que passaram por um processo de contestação e desgaste, abrindo caminho para uma certa porosidade teórico-epistemológica transversal a estes termos, dicotomias e problemáticas (natureza, cultura, identidade, diferença, gênero, raça, globalização, limites, etc.). Tal porosidade já não é tão recente assim, a contestação de fronteiras essencializadas, sejam elas geográficas/físicas ou ideológicas – e será mesmo possível dividi-las de “forma tão desinteressada”? – e a carga intrínseca à cada terminologia posta, já baliza nossas discussões e atuações enquanto antropólogas já há umas boas décadas.

O tributo pago para que tais discussões viessem à tona foi alto; de onde partir sem conceitos-chave ao alcance de nossas mãos? Como construir conhecimento a partir de um olhar para algo em constante transformação? Como escapar das construções coloniais que sondam nossas formas de fazer? O que fazemos a partir daqui? O que permanece, “apesar de”? São questionamentos que atravessaram minha experiência bem como direcionam e apontam o estudo da ficção científica de Butler como rota de fuga possível e boa para pensar a Antropologia hoje.

Tais dilemas de construção dos nossos textos e formas de nomear, apontam para as relações entre antropologia, etnografia e literatura, retomadas por Silva (2015), apontando os embates do narrar como chão comum tanto para a atividade de autoria em Antropologia quanto em Literatura. De acordo com a autora, ambos:

[...] Trilham de certo modo os embates entre o real e a ficção, e entrar no texto, no cenário da escrita, talvez seja tão difícil quanto entrar nos códigos de uma cultura. O etnógrafo recria mundos no texto, que não deixam de ser atravessados por suas inscrições, percepções e interpretações diante do que é observado. A escritura literária capta a trama social recombinaando seus sentidos. Não apenas imita a realidade vista, mas decompõe suas estruturas de organização, mostra a realidade vivida como arbitrária, contingente, recombina seus signos. Faz-nos ver múltiplas perspectivas onde se enxerga finitude e determinação. (SILVA, 2015:322)

Nesse sentido, podemos retomar Roy Wagner, que aponta para o caráter inventivo e criativo do nosso trabalho enquanto antropólogos (sem negar tal capacidade no “Outro”) e a possibilidade de “analisar a motivação humana em um nível radical”. Já Octavia Butler, justifica sua atração pela ficção científica no fato dela ser aberta a todas as possibilidades, o que a habilitava a fazer qualquer coisa e examinar toda e qualquer condição humana sem nenhum impedimento. Tais direcionamentos, vindos de campos e origens tão diferentes, nos possibilitam pensar autoria e nosso fazer, bem como amplia e vislumbra a literatura como antropologia especulativa, nos termos de Saer (2009) e Nodari (2010) e uma antropologia habitada ou melhor, atravessada por grafias literárias.

Nesse mesmo sentido, relembro a apresentação “Sonhando novos futuros: ficção científica e mudança social”, que posteriormente foi publicada sob o título “Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça”, da escritora estadunidense Walidah Imarisha, organizadora da coletânea inspirada em Butler “*Octavia’s Brood: Science Fiction Stories from Social Justice Movements*”, coletânea de histórias de autores que acreditam que “toda articulação política é ficção científica”, do que poderia vir a ser e que buscam “escavar o passado em busca de soluções que nos mostrem como podemos existir de outras formas no futuro”.

Imarisha retoma o último livro de Butler (*Parable of the Trickster*), quando a autora diz que “não há nada de novo sob o sol, mas há novos sóis” para reafirmar que, de fato, não há nada de novo sob o sol, “mas como Butler tão habilmente nos fala e mostra em seus romances, esses novos sóis nos oferecem infinitas oportunidades para reimaginar o nosso mundo de hoje”. Penso que a lição pode vir a ser importante também para a Antropologia.

“*Kindred – Laços de Sangue*” e “*A Parábola do Semeador*”: restituição narrativa e futuros afrocentrados

“Escrevo sobre pessoas que fazem coisas extraordinárias. E coincidiu disso ser chamado ficção científica.” Octavia Butler

Dana (*Kindred*) tem vinte e seis anos quando viaja no tempo pela primeira vez. Está em seu novo apartamento com seu marido Kevin, até não estar mais. De repente, fica nauseada e então se vê recobrando a consciência em uma paisagem rural, no que descobriria ser uma Maryland anterior à guerra civil, no século XIX. Dana, uma escritora negra vivendo em 1976, que trabalha em uma fábrica ao mesmo tempo em que escreve e tenta vender suas histórias, volta no tempo para garantir duplamente sua existência: evitar a morte de seu ancestral branco e escravagista, que sempre que corre perigo faz com que a personagem volte no tempo para o salvar, e evitar o aniquilamento da sua própria existência.

Lauren (*A Parábola do Semeador*) tem quinze anos em 2024 e vive em um contexto pós-apocalíptico instalado pela crise ambiental, econômica e social, no qual o desprezo pela intelectualidade e o populismo são o *modus operandi* da política hegemônica vigente. Lauren sofre de uma condição crônica chamada “síndrome da hiperempatia”, que faz com que a personagem sofra e sinta as dores de todas as criaturas que atravessam o seu caminho. A busca pela sobrevivência, entre bairros murados e fugas alucinadas, é atravessada pela relação da personagem com a religião e conceitos próprios sobre Deus enquanto entidade de mudança.

Duas mulheres negras vivendo situações impensáveis. Butler, que em “Obsessão Positiva” narra uma conversa com sua tia na qual falava do seu desejo de ser escritora, de viver disso, ouve que escrever é um ótimo passatempo, mas que ela teria que eleger um

meio de “ganhar a vida” uma vez que “querida, negros não podem ser escritores”. É uma experiência semelhante à narrada por sua personagem Dana que, em uma de suas viagens ao passado, conta uma mulher escravizada mais velha de sua confiança que era uma escritora. A reação não poderia ser mais semelhante à da tia de Butler que, em seu ensaio autobiográfico, também narra que não conhecia, à época de adolescente quando ouviu que negros não poderiam ser escritores, uma só palavra escrita por um autor negro. Viola Davis, ao ser a primeira mulher negra a vencer o Emmy de melhor atriz dramática, afirmou: “agradeço aos escritores e diretores, seria impossível ganhar este prêmio por papéis que não existem”. O contexto vivido por Lauren na série “Parábolas”, que conta com mais dois livros, se afasta e se aproxima de forma ritmada. É na série que Butler prevê a ascensão de um político estadunidense que se vale do contexto de medo para tecer discursos xenófobos e de ódio à diferença para assumir a presidência e “tornar a América grande de novo”, como dizia seu slogan que foi reutilizado por Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, o livro acompanha trechos do livro escrito por Lauren: “Semente da Terra: os livros dos vivos”.

Butler, ao reescrever o passado tentando trazer as barbáries da escravidão para uma dimensão pessoal da experiência, aproxima e afasta qualquer ideia pacificadora das relações, Dana por várias vezes utiliza a palavra “estupro” para designar a relação entre seus ancestrais. Tal experiência narrativas das grafias literárias, podem nos auxiliar em nossas escritas, e, mais do que isso, balizar outras formas de fazer.

Referências

- BUTLER, Octavia. *Obsessão Positiva*. Fundação Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016.
- _____. *Kindred: Laços de Sangue*. Editora Morro Branco: São Paulo, 2017.
- _____. *Parábola do Semeador*. Editora Morro Branco: São Paulo, 2018.
- DANOWSKI, Déborah. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Cultura e Barbárie*, Instituto Socioambiental: Desterro, 2017.
- DERY, Mark. *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*. Duke University Press, 1994.
- IMARISHA, Walidah. *Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça*. Oficina de Imaginação Política - 32ª Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016. Tradução: Jota Mombaça.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- MOMBAÇA, Jota. *Lauren Olamina e eu nos portões do fim do mundo*. Fundação Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016.
- SILVA, Cristina Maria da. *Antropologia nas cidades em grafias literárias*. In: KOFES, Suely. MANICA, Daniela. (org.) *Vidas & Grafias*. Rio de Janeiro: Lamparina e FAPERJ, 2015.